

O DISCURSO JORNALÍSTICO IMPRESSO E ELETRÔNICO

L. M. S. ROMÃO (FFCLRP/USP)
luciliamsr@ffclrp.us.br

Proponho interpretar as primeiras páginas das versões impressa e eletrônica do jornal Folha de São Paulo e Folha On-line, publicadas em dezembro de 2005, nas quais inscrevem-se sentidos sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Inicialmente, é possível indagar: mas por que a tentativa de compreender a discursividade da primeira página? A primeira página foi escolhida, visto que nela estampa-se uma vitrine de relatos, cuja topografia disponibiliza o que muitos manuais de redação e estilo jornalísticos sinalizam ser o espaço mais relevante e/ou de melhor qualidade em cada edição, ou seja, o rosto do corpo textual que se mostrará em cada página. Temos, então, na tessitura dessa página, um de-fora do jornal que indica os caminhos para chegar ao seu de-dentro; assim, a composição de destaques, manchetes, a seleção de fotografias e legendas, a indicação dos cadernos em que estão alojadas as notícias, os gráficos de pesquisa publicados em estatísticas ou infográficos, o espaço destinado à propaganda, dentre outras marcas, são indiciários de um modo de organizar os dizeres sobre a realidade e de materializar um percurso de sentidos para enquadrar o presente, seja no momento da enunciação dos dizeres sobre ele, seja na circulação de enunciados sobre o dia depois. Pergunto: teria a composição desse rosto do jornal, a saber, a primeira página, um suposto efeito de unidade? Como os relatos ali expressos promovem a emergência de campos imaginariamente organizados, estabilizados por um suposto crédito da verdade? De que modo várias vozes, mobilizadas em entrevista, consulta a fontes, depoimentos, etc, são tecidas e amarradas pela voz do editor, apagando a heterogeneidade constitutiva e colocando, em lugar dela, o fio de um enredo tido como uno, objetivo, claro e coeso? Como os dizeres da primeira página albergam relatos que, por um efeito ideológico de evidência, parecem ser a tradução fiel da realidade e não uma narrativa sobre ela? Não com a pretensão de esgotar respostas para tais questões, trabalho com a hipótese de que a primeira página funciona como um espaço discursivo que preenche ou se pretende narrar o “tudo” imaginariamente capaz de expressar a realidade, pontuando todos os acontecimentos importantes do dia anterior ou do dia presente, sintetizando a complexidade dos relatos sobre o mundo em um quadro fechado,

cuja marca seria a completude e a estabilidade dos sentidos tidos como verdadeiros, confiáveis e seguros. A composição desse rosto, longe de ser uma escolha aleatória de uma pessoa ou um ato voluntarioso de um indivíduo no cargo de editor, instala um modo de o sujeito discursivo produzir sentidos sobre a realidade, marcado pela ilusão de que tudo o que ocorreu de fato está ali como registro, de que tudo o que está ali é verdade e, por fim, de que as informações publicadas no discurso jornalístico impresso e eletrônico têm uma correspondência termo a termo com o fato. Nesse quadro, o ideário da certeza, verdade e completude fazem funcionar um lugar de poder, que muitas vezes se coloca como lei acima da própria lei.

Bibliografia:

- AUTHIER-REVUZ, J. (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Cadernos de estudos Lingüísticos n.19, Unicamp.
- BUCCI, E. & KEHL, M. R. (2004). Videologias. São Paulo: Boitempo Editorial.
- BUCCI, E. (2003). Introdução: O jornalismo ordenador. IN: Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar. Mayra R. Gomes. São Paulo: Hacher Editores, Edusp.
- CHARTIER, R. (2002). Os desafios da escrita. Editora da Unesp. São Paulo.
- DORNELES, E. F. (2005). A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados. Tese de Doutorado. Programa em Letras da UFRGS.
- ECO, U. (2003). Muito além da internet. Caderno Mais, Folha de S. Paulo.
- GALLI, F. C. S. (2005). O sujeito-leitor e o atual cenário tecnológico e globalizado. Revista Letra Magna- Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura – Ano 2- n.3.
- LÉVY, P. (2002). As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática. Editora 34, São Paulo.
- LÉVY, P. (2003). O que é o virtual? Editora 34, São Paulo.
- MARIANI, B. (1998) O PCB e a imprensa. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan.
- MORAES, D. (1998). Planeta mídia tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Editora Livre.
- ORLANDI, E. (2004). A cidade dos sentidos. Campinas: Pontes.

- ORLANDI, E. (1999). *Análise de discurso - princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores.
- ORLANDI, E. (1997). *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- PÊCHEUX, M. (1997). Ler o arquivo hoje. IN: *Gestos de leitura*, Orlandi, Eni. (org) Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (1996). O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: *Um mapa da ideologia*. Slavoj Zizek (Org). Rio de Janeiro: Contraponto.
- PÊCHEUX, M. (1999). Papel da memória. In: P. Achard (Org.). *Papel da memória*. (Tradução de José Horta Nunes). Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1969). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ROMÃO, L. M. S. (2005). Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. *Anais da página eletrônica da ALED 2005*, Santiago, Chile.
- ROMÃO, L. M. S. (2004). Nós, desconhecidos, na grande rede. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, vol5, n.1, Florianópolis: Editora Unisul.
- ROMÃO, L. M. S. (2002). *O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação*. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 310 p. (Tese de Doutorado).
- SNYDER, I. (1998). *Page to Screen- Taking Literacy into the Electronic Era*. London and New York: Routledge.